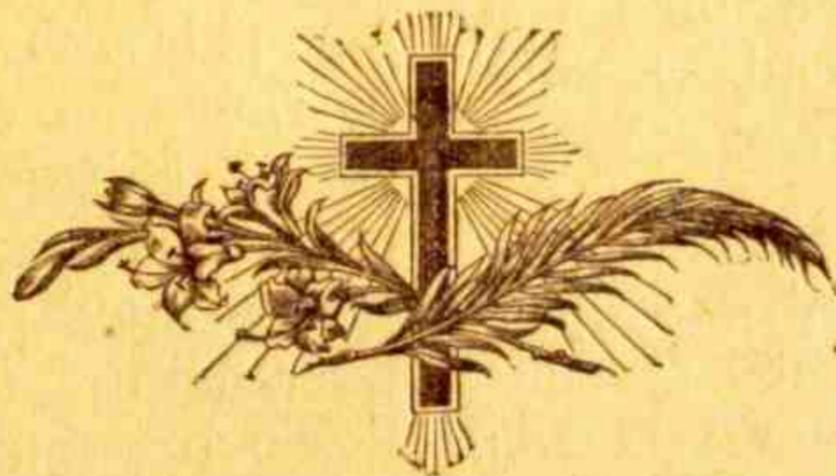


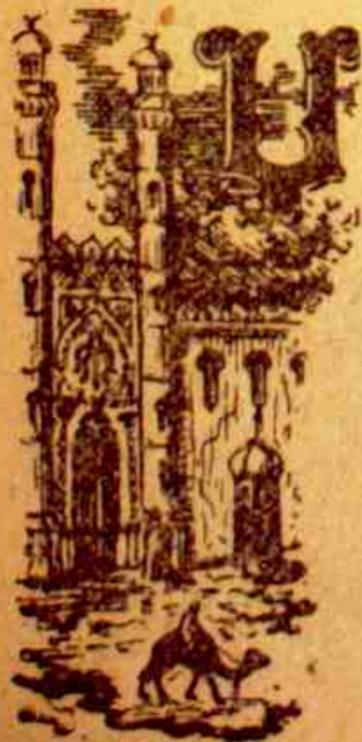
ANNO V.

S. PAULO, (BRASIL.)  
*Domingo, 1 de Novembro de 1903.*

NUM. 44.



## O CEMITERIO



Um continuo e plangente bater dos sinos da vizinha igreja vae rasgando os ares e cobrindo, como com um manto de tristeza, os corações de to-

dos os transeuntes. Immensa multidão de povo dirige-se silenciosa, e em ondas successivas, ao sagrado templo; o altar coberto de negros paramentos, bem assim como uma pobre viuva de seu manto de lucto; lugubres tocheiros derramando uma luz pallida sobre a vasta escuridão do sanctuario, o

povo de joelhos, e como sobrecolhido de uma profundissima commoção e tristeza, descerra seus labios e com frequencia murmura uma prece... Os ministros do altar cantam em notas repassadas da mais sublime melancholia, o severo *Requiem æternam*, o tremendo *Dies iræ*, e o austero *De profundis*, echoando finalmente pelas abobadas do sagrado recinto as vozes derradeiras do *Requiescant in pace*, terna e gemebunda despedida que dá a religião áquelles entes queridos, que arrancados traçoicamente pela mão da morte, vão-se embora para nunca mais tornar...

A' tarde a cidade dos vivos traslada-se em peso para visitar a cidade dos mortos. Vamos nós tambem: salvemos a barreira que separa a vida da morte, pizemos aquella terra que cobre os despojos dos nossos antepassados, visitemos o cemiterio! Ah! o Cemiterio! E' naquelle sagrado recinto que dormem, na immovibilidade do silencio e do repouso, innumeradas gerações, que como nós, corriam outr'ora alegres e festivas, pelas ruas e praças de nossas cidades,

communicando-lhes a exuberancia de sua vida, de seus cantares e de suas purissimas alegrias. Todo esse povo, que hontem vivia com a mesma vida, sentimentos e aspirações que a nós nos animam; hoje, qual soldado derribado no campo de batalha por uma bala inimiga, jaz exanime, nessas necropolis sacrosantas, vendo-se estampada naquellas frias ossamentas a imagem triste e desapiadada da morte.

Ah! o Cemiterio! é lá que estão sepultados aquelles graves sacerdotes, cujas palavras tantas vezes derramaram em nosso coração o balsamo do consolo e da esperanza; aquelles integros magistrados, que publicamente administravam ao povo a mais rigorosa justiça; aquelles generaes invictos, que passeiavam ovantes o nosso glorioso pavilhão auri-verde, por meio de nações que tiveram a loucura de nos ultrajar; aquelles heroicos soldados, que tombaram gloriosamente envolvidos nas dobras de nossa bandeira, por defender a honra de nossas esposas e a independencia de nossa patria; aquelles sabios illus-

tres, que com tanta proficiencia nos iniciaram nos mysterios dos humanos e divinos conhecimentos; aquelles poetas maviosos, aquelles escriptores classicos, aquelles oradores robustos, que torcião a corrente das idéas, aquelles homens de Estado, cuja envergadura sublime salvou innumeradas vezes a honra de nossa patria; lá estão tambem aquellas senhoras piedosas e cavalheiros honrados, misturados com o pó de obscuros lavradores e filhos do trabalho; lá estão todas as classes, todas as condições, todas as edades.

O Cemiterio!.... E' nesse lugar que estão sepultados innumerados corações, que convertidos hoje em pó e em cinza, pulsavam hontem fortemente pela familia, pelo amor, pela religião, pela patria, pela honra, pela liberdade! Como pois, quereis que pensando nesses seres idolatrados e encarando os frios despojos que nos deixaram, não sintamos uma profunda e piedosa inclinação a soccorrel-os?

E' certo que esses silenciosos moradores não nos pedem que restauremos os

marmores de suas tumbas, nem que ergamos soberbos mausoleos. Que lhes importa aquellas luxuosas lápidas, nem os pomposos epitaphios, nem aquellas figuras tristes que encimam seus tumulos, nem os outros signaes que a mão do tempo desfigura e afea e varre?

Ah! o que elles pedem é alguma outra coisa que está mais por acima da vaidade e orgulho dos homens, e que só a Religião divina lhes pode dar, é.... derramar uma prece!

As pompas funebres, diz Sto. Agostinho, a magnificencia do cortejo, o numero avultado do povo que o compõe e a construcção dos soberbos mausoleos, poderão servir de alguma consolação aos que ainda sobrevivem, porém não aos que já falleceram. «Só o sacrificio offerecido pela salvação dos homens, e a esmola que se distribue pelo eterno descanço das suas almas, é que pode inclinar a misericordia e a ternura do Coração de Deus, para que os trate com indulgencia e os tire do obscuro lugar em que estão expiando seus delictos.»

Cahiamos pois de joelhos e roguemos; a quem? A Deus, de cujo juizo espantavel, pende neste instante a salvação ou condemnação de innumeradas almas.

Por quem? Por todos; que a caridade não conhece barreiras, nem distingue preconceitos, nem mede distancias, nem divisa bandeiras, nem percebe idiomas, nem enxerga inimigos.

Como? Mediante o ministerio do sacerdote cuja oração rasga as nuvens, penetra os céus, e vai até o throno de Deus levando em suas leves azas as preces e supplicas dos finados. E entre esses fallecidos não vos esqueçais daquelles que tombaram violenta ou traçoicamente pela arma homicida, ou em sanguinolentas batalhas, ou devorados pela peste, sem terem tido uma mão amiga que fechasse seus olhos, ou bem um sacerdote que, naquelle derradeiro instante, os reconciliasse com a Divina Justiça.

Mães ternas e dedicadas, esposas carinhosas, amigos estremecidos não sahiis do Cemiterio sem ter derramado uma lagrima de sauda-

dade e nessa lagrima envolvido uma fervorosa oração. Dizei com a Igreja: «Lembraivos Senhor, dos vossos servos que marcados com o signal da fé acabaram sua vida antes do que nós, e agora dormem o sono da morte. Vos rogamos, Senhor, que a todos os que repousam neste santo lugar lhes concedais um lugar de descanso, de luz e de paz por Jesus-Christo nosso Senhor. Amen.»

S. Paulo, 31-10-903.



## ECHOS DE ROMA.



**Visita das irmãs de Caridade ao Papa.** — Não é possível contar as numerosas visitas que, pessoas importantes de todas as classes da sociedade, e de todas as nações do mundo, fazem diariamente

te ao Santo Padre, para dar-lhe uma prova evidente de seu respeito e obediencia.

No mez passado foram 200 irmãs de Caridade apresentar-se diante do Pontifice para beijar

seus sagrados pés e testemunhar-lhe sua incondicional obediencia. Espectaculo sublime! 200 anjos em carne humana perante o Representante de Christo!

O Santo Padre commovido profundamente ao ver esse quadro tão tocante e extraordinario, fallou umas palavras tão cheias de doçura e de delicadeza, que não podemos resistir ao desejo de publical-as: « Vos agradeço lhes disse, esta vossa visita, que é para mim agradabilissima, vos agradeço, porque estou firmemente persuadido que não viestes visitar-me, movidas pela curiosidade, sinão animadas pela fé, para venerar na minha pessoa a augusta pessoa de Jesus-Christo, cujo Vigario sou na terra.

Eu acho que não preciso exhortar-vos a que rogueis por mim; todavia vos peço que em vossas fervorosas orações e em vossas santas communhões, supplicueis ao Senhor me conceda força e resignação necessarias, para carregar a cruz que Elle mesmo pôz nos meus hombros, bem assim como a graça adundantissima não sómente para mim, mas também para todas as almas confiadas aos meus cuidados pastoraes, a fim de commigo leval-as a todas para Jesus-Christo.

Eu vos abenço com todo o meu coração, abenço vossas obras, vossas familias, as pessoas que amais e faço votos para que em todos os serviços que fazeis encontreis os consolos e doçuras que almeja o vosso coração.... Desejo que aquellas de vós que servem nos hospitaes tenham o ineffavel gozo de ver aos seus

moribundos partirem desta vida munidos com os Santos Sacramentos, e as que se consagram á educação das meninas, alcancem vel-as crescer no temor santo de Deus, sempre virtuosas e sempre fieis ás licções recebidas de suas mestras.

Que todas vejais florescer as numerosas obras de caridade que dependem de vós, para a maior gloria de Deus, para vossa consolação desta vida e para que sejaes merecedoras de cingir a bellissima corôa que Deus tem reservado no Céu para vós. Com este fim e como penhor dos favores celestiaes a todas vos concedo a benção apostolica.

#### Os operarios perante o Papa.

—Outra visita, por ventura mais agradavel ao Santo Padre, foi a que recebeu no Jardim do Vaticano chamado *della Pigna* no domingo 13 de Setembro.

Era uma bellissima manifestação de carinho ao Soberano Pontifice, promovida pelo Circulo Catholico da cidade Leonina, pela Directoria Parochial da Basilica Vaticana e pela Conferencia de S. Vicente de Paulo estabelecida na mesma Parochia.

Os membros dessas obras com suas familias perfazendo um numero de 3,000 pessoas cheias de fé e de entusiasmo patriotico-religioso, penetravam no Vaticano frente ao Museo Chiaramonti, onde estava preparado um throno para Sua Santidade.

Pelas 5½ horas da tarde chegou o Santo Padre rodeado de sua Corte, e lá foi recebendo as provas de homenagem e de amor de todos os socios e da Directo-

ria, que individualmente lhe foram apresentados pelo Comendador Puccinelli.

O Soberano Pontífice Pio X, fallou com elles carinhosamente exhortando a todos a perseverar nas obras de caridade e de acção catholica, dando lhes a beijar sua sagrada dextra e lançando-lhes a benção apostolica. Immediatamente acompanharam todos os socios o Santo Padre ao seu throno onde tomou assento, no meio dos vivas levantados ao Papa Rei e misturados com as notas vibrantes da numerosa orchestra que tocava e repetia o Hymno Pontificio. As acclamações, os gritos, os vivas a Pio X, ao Santo Padre, ao Pae dos operarios, ao Rei do povo christão, succediam-se sem interrupção como uma onda succede a outra, e os peitos daquelles filhos do povo e do trabalho, eram como outros tantos vulcões onde fervilhava intensissimamente o amor mais puro e o mais entusiasta patriotismo.

O Santo Padre fez um aceno, e de repente aquella immensa multidão fechou sua bocca. « Aceito, disse o Pontífice, aceito esta demonstração de amor, não como se fosse dirigida á minha humilde pessoa, sinão ao nosso Divino Redemptor a quem represento: eu vejo nesta manifestação a fé viva que arde nos honrados corações dos operarios do bairro de Rione, aos quaes especialmente me dirijo. Vivi, meus filhos, alegres e contentes em vosso trabalho porque « será doce a vida do operario que esteja contente com sua sorte, como dizem

os livros santos; conforme-se cada um no estado que tem, cumpra os seus deveres religiosos e trate com exquisito cuidado da educação da familia, que lhe tem confiado a Divina Providencia, a qual nunca desampara aos que a Ella se dirigem nas adversidades da vida. E guardae todos no coração estas palavras, que são as primeiras que fallo ao nobre povo romano, filhas do amor especialissimo que guardo sempre para elle neste meu coração; e em penhor deste amor quero lançar-vos a benção apostolica sobre todos vós, sobre vossas familias e sobre todas as pessoas que estão unidas com vosco. *Benedictio* etc.

Novos applausos e novos vivas acolheram estas ultimas palavras do Papa que, sentado no throno, olhava ternamente aos manifestantes e recebia com um sorriso de Anjo os olhares daquela agitada multidão emquanto a orchestra tocava a *Resurreição* do maestro Perosi.

#### **Dois institutos approvados.**—

Por um decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares foram approvadas as Congregações de Missionarios de S. José e de Irmãs de S. José, estabelecidas na Republica de Mexico. E' protector de ambas as Congregações o Cardeal hespanhol Emmo. e Rvmo. Snr. José Calazans Vives y Tuto, da Ordem dos Capuchinhos.

As constituições não foram ainda approvadas *in perpetuum*.

**Novos bispados na ilha de Cuba.**—Por um Breve Apostolico foram creadas duas novas dioceses na grande Antilha cujas se-

des são: *Pinar del Rio* e *Olun-fuegos* as quaes junto com a séde da Habana formarão uma provincia ecclesiastica cuja metropolitana é a de Santiago de Cuba, ficando desligada a séde de Puerto Rico, que está sujeita immediatamente, por emquanto, á Santa Sé Apostolica. Parece ser certo que, para reger as novas dioceses, foram nomeados os Doutores cubanos Gonzalez Estrada e Orne.



## As tres missas no dia dos finados.



privilegio da Hespanha e de Portugal poderem os Padres celebrar tres missas no dia 2 de Novembro para augmentar os suffragios que se fazem pelas almas dos já fallecidos.

A festa da Comemoração dos defunctos foi estabelecida na abbadia de Cluny por São Odilão, em 1º de Novembro de 998, porém sómente para os seus mosteiros; e foi de lá que se extendeu ás outras partes. Outr'ora só o reino de Aragão (Hespanha) era quem gozava desse privilegio, confirmado pelos Summos Pontifices. Mas no anno de 1748 foi o Papa

Bento XIV, que annullando ás petições dos reis de Hespanha e de Portugal, extendeu o referido privilegio a todos os Estados que então pertenciam ou no futuro pertencessem á corôa daquellas catholicas nações.

Hoje em dia conservam essa graça todas aquellas immensas regiões que outr'ora eram hespanholas ou portuguezas; como o Mexico, Argentina, Chile, Brazil etc. na America, e o Roselhão na França.

Não fazem ainda muitos annos, tratou-se de pedir ao Santo Padre que o privilegio de poder rezar tres missas no dia dos finados, se extendesse á Italia e as demais nações do mundo catholico.

E' esta uma das petições sobre as quaes a Santa Sé gosta ser até importunada e não deve haver temor nenhum em reproduzil-as pela imprensa.

Inutil é recordar que na commemoração de todos os fiéis de functos resplandece uma das harmonias mais sublimes de que é sempre fecundissima a Egreja catholica.

Depois de ter celebrado no dia 1º de Novembro os triumphos de todos os Santos, gloriosos já na patria do Céu, a Egreja militante dirige suas vistas ao Purgatorio para extender sua mão generosa á aquelles seus filhos queridissimos, que ainda estão soffrendo, na região da esperanza, os rigores da Divina Justiça.

Os fiéis correm presurosos em roda do altar santo, e misturando suas preces com os clamores da Victima immaculada, os apresen-

tam por meio do sacerdote, perante o throno da augusta Trindade, com o calice em que está aquelle sangue preciosissimo que clama, com mais eloquencia do que o sangue do innocente Abel.

Os Santos todos, e principalmente a Virgem Nossa Senhora interpõem tambem sua valiosa e efficaz intercessão e assim as tres Igrejas a triumphante, a purgante e a militante, vêm-se unidas formando um só corpo unido e vivificado pela caridade que nos mereceu Jesus-Christo, e que se derrama em nossos corações pelo divino Espirito-Santo, como diz o Apostolo São Paulo.

Quantas coisas fallam ao nosso coração estes sacrosantos mysterios!

S. Paulo, 1—11—1903.



## A Cruz do Cemiterio



**B**ENDITA sejas, oh *Cruz* que no meio do Campo Santo alteias humilde e silenciosa, quai muda sentinella da cidade dos que foram.

Com muita maior eloquencia fallas tú, que esses mil dizeres, que em singellos tumulos, ou em luxuosos mausoleos, servem talvez para afagar o orgulho do

homem, ainda naquelle mesmo lugar que deveria ser da sua maior humilhação e vileza.

Tudo isso é mentira, oh *Cruz*, tudo isso é mentira. Mentem os louvores, ainda mesmo depois do tumulo, mente o ouro, mente o marmore, mente o zintel do esculptor, mente a profana corôa de flores, frivolo obsequio, mais que do affecto, da vaidade.

Tu só, oh *Cruz*, não mentes nem adulas. Tu só dizes a verdade.— Quero assentarme perto de teu rustico pedestal que a herva entreabre e o musgo alcatifa; quero á tua sombra, recolher as eloquentes lições que, severa e majestosa, porém, doce, e consoladora, communicas a quem deseja ouvir-te.

Teu tronco firme e hasteado vejo-o pregado na terra, e rodeiando-o a podridão e o horror dum ossario; os teus braços porém, estendem-se em direcção para o mundo inteiro, e a tua fronte olha serena para o céu, que sobre ti estende seu immenso pavilhão.

Oh *Cruz*! E's o emblemma de todo o homem, és o geroglyphico immortal que esclarece e explica todo o mysterio do meu ser. Meu passado, meu presente, meu futuro ficam descifrados em ti.

—Estás pregada, oh *Cruz*, na lama da terra, e te circundam vermes e podridão. E' assim que a providencia do meu Deus me creara. Na terra vil tem collocado os meus pés, e tem-me rodeado de espinhos e dôres, de miseria, e de fraqueza emquanto n'ella vivo. Sou, pelo que respeita á minha parte inferior, lama que

habita no mesmo lugar onde ella nasce, conheço entretanto que sou algo mais do que isso, por quanto a lama que pizo... essa lama não me satisfaz completamente. Deus não me tem creado para uma cousa que vale tão pouco. Este mundo, que é o meu sólo, apenas o tem criado Deus para que durante alguns breves instantes seja calcado por meus pés. Insulta-me quem me diga, que não sou sinão um verme mais perfeito, destinado a agitar-me e sujar-me no mais largo lamaçal. Por mais vasto que seja o mundo, que é finalmente, sinão uma lagôa de lama, para quem cego, não enxergua algo mais além?

Tu me dizes tambem, oh *Cruz*, com essa tua fronte erguida, que fita constantemente o céu! Tu me mostras dia e noite e apontas para o meu destino final.— De balde as chuvas te debatem e te sacodem ventos, e te envolvem trevas, e rugem em roda de ti medonhas tempestades. Impavida e sem vacillar segues fitando o alto e não se curva tua gloriosa fronte nem muda tua direcção. Assim sou eu pobre e efimero mortal, porém com uma alma filha do céu conduzida até lá por minha fé, pelas minhas obras e pela graça de Deus. Pregados meus pés na terra, busco anhelante o céu, sinto fome e sede do infinito, tenho ambição immortal, julgo indigno de mim, tudo o que não é Deus, porque reconheço-me da linhagem de Deus. Coragem, meu coração, que brevemente ha de chegar teu almejado ideal.

Mostra-m'o sempre, oh *Cruz*, bendita, aponta-me sempre como pharol luminoso estes rumos, dirige-me sempre para elles qual certo leme.

Assoberbado pela enormidade das minhas culpas, temo achar fechado com ferrolhos de bronze o céu, por causa da multidão das minhas iniquidades. Sou imagem de Deus, nasci para o céu, entretanto fiz-me peccador, e como tal, tornei-me réu da condemnação. Contemplo, sem embargo, os teus braços de par em par abertos, e elles estão a me fallar — oh *Cruz*, — palavras de coragem e de amor. Imagem são dos do meu divino Redemptor que em ti estendeu os seus para abraçar a todos os arrependidos. Dest'arte, o teu tronco me recorda a minha vileza, a tua fronte relembra-me a minha dignidade, os teus braços estendidos, resolvem-me o enigma destes dois extremos com esta sublime palavra... perdão.

Verme sou da terra, e todavia a misericordia de Deus devolver-me-á limpas as minhas azas para tornar-me um anjo do paraizo. Por ti, oh *Cruz*, e nes teus braços realizou Jesus-Christo a redempção. Por ti, e firmado n'elles subirá minha alma do fundo da sua miseria presente, ao cume da sua eterna felicidade.

Isso me fallas—oh *Cruz*—isso me apregoas a toda hora, somente isso, que é a verdade. E mente o mundo, e mente o ouro, e mente o orgulho humano. Só tu, não mentes!

Pouso-Alegre, 25 — 10 — 1903.

## Dia de finados,

Dobra o bronze na terra! Que dobre  
Rebombando tão triste no val!

Dobra o bronze, e de lucto se cobre  
Hoje a Igreja ante a cruz sepulchral.

Ai! o dia dos mortos é hoje,  
E na crença de um Deus Redem-  
(ptor

Inda o pó já disperso, que foge,  
Acha vozes d'esp'rança e de amor.

Chora a mãe o filhinho, qual rosa  
A pender co' o chorar da manhã;  
Chora o esposo na loisa da esposa,  
Chora o irmão no sepulcro da irmã.

Choram todos, de todos no dia,  
Que não ha quem da vida no mar  
Já não visse co' a roxa agonia  
Adorado baixel naufragar.

Mas com todos, por todos, a Igreja  
N'esse bronzeo luctuoso prégão,  
Quer de todos, per todos, que seja  
A saudosa carpida oração.

Oh! rezemos unidos com Ella,  
Ajoelhemos no chão que benzeu;  
Que na noite da morte uma estrella  
De radiante perdão ha no Céu.

J. DE LEMOS.



## Palestras populares.

*Ha devéras Purgatorio?*

Ha sim, pois não, meu amigo;  
e tanto, que, ou não ha purgatorio  
ou não ha Deus, isto é: se ha Deus,  
ha de haver purgatorio.

—Estranha disjunctiva!

—Nem mais nem menos, assim  
é, como fallei.

—Vamos vêr: desenvolvei mais  
um pouco a vossa argumentação.

—Vou fazel-o com muita simpli-  
cidade. Acreditais na existencia de  
Deus?

—Pois não, acredito, sim senhor;  
nunca minha despreocupaçãõ foi  
até as fronteiras do atheismo; Deus  
me livre!

—Acreditais, por tanto num Deus  
justo?

—Ora mais essa: acredito; pois  
si não fosse justo não seria mais  
perfeito, e si não fosse a perfeição  
mesma, não seria mais Deus.

—Bravissimo, muito bem: fallais  
mesmo como um livro. Porém di-  
zei-me: Este Deus justo, para ser  
tal, ha de dar a cada um o seu me-  
recido; não é verdade?

—De certo; visto como nisso é  
que está a justiça, em dar a cada  
qual o que lhe toca, premio ao bom  
e castigo ao criminoso.

—Muito bem, e tanto é assim,  
que é nisso que baseia a razão hu-  
mana, (além de sabel-o pela Reve-  
lação), para provar a existencia dos  
premios e castigos da outra vida,  
ou antes, para fallarmos a linguagem  
da fé, para provar a existencia do  
céu e do inferno.

—Tendes razão, tudo isso é certo;  
permitti-me entretanto, que vos di-  
ga que não comprehendo ainda pa-  
ra onde é que visão tantos e taes  
preambulos.

—Que existe o céu e o inferno,  
concede-se finalmente, como mui  
proprio da divina justiça, que sen-  
do ella tal, não póte deixar sem  
castigo tanta malicia como reina  
triumphante no mundo, ou sem pre-  
mio tanta virtude como vive nelle  
envergonhada e talvez vexada. Ora,  
pois, desde que não existem os taes  
premios e castigos nesta vida, tem-  
n'os de haver na outra; isso é lo-  
gico e natural a não ser que negue-  
mos a justiça mesmo em Deus, o  
que é um absurdo, sobre ser uma  
blasphemia. Entretanto, ainda meu  
espírito não penetra, d'onde sahe a  
necessidade deste estado intermedio,  
denominado pelos catholicos — pur-  
gatorio—e mil vezes dou-me a des-

confiar que seja uma pranga mensa fundada, ou talvez uma simples superstição que muito justamente abominam os protestantes.

—Perfeitamente meu amigo. Agora cumpre-me, com vossa licença, desenvolver com igual amplitude a minha demonstração.

—Pois não; estou á sua espera.

—Fica sufficientemente explicada a justiça de Deus, com que haja na outra vida premios para o justo, que morre em graça de Deus, e castigos para o criminoso, que morre em seu peccado?

—Eu acho que sim

—Disculpae meu amigo; eu entendo que não. Ficaria explicada a justiça de Deus com os taes castigos *absolutos* e com os taes premios *absolutos*, si os homens morressem sempre *absolutamente* bons ou *absolutamente* máus. Explicar-me-ei. Não haveria necessidade dum estado intermediario si na conducta dos homens não se desse tambem matizes ou intermedios.

—Não comprehendo.

—Mais claro. Acreditais que todo homem, ou mulher que morre, morre perfeitamente bom ou rematadamente máu? Vossa mãe, por exemplo, que morreu, fazem alguns annos, era ao morrer pura como um anjo do céu, ou malvada como um reprobado do inferno?

—Não senhor. Deus me livre de dizer isso; ha infinitos que <sup>em</sup> são de tudo bons, mas, tampouco de tudo ruins, ruins. Bôa era minha mãe, porém....

—Esse porém é justamente quem resolve a difficuldade toda. Porque dizei-me: esses que morrem sem serem de tudo bons, assim morrendo, irão de chofre ao céu? E esses que não chegam a ser de tudo máus hão de ser lançados redondamente no inferno? Haveria desta arte justiça em Deus?

—Agora comprehendo aonde é que vae o vosso argumento.

—Pois é isso mesmo. Existem almas que, ao sahir desta vida não são tão puras como se requer para possuirem já o proprio Deus, o qual

admitte parto de si almas sem mancha. Condemnal-as-eis ás penas eternas, por causa deste estado de relativa imperfeição em que se encontram? Torna-se pois necessario um lugar de castigos relativamente leves aonde se paguem e extingam completamente as dividas leves, e este lugar é o que o Catholicismo ensina com o nome de *purgatorio*, que significa sitio de purificação. E as Sagradas Lettras nol-o ensinam em diversos lugares; nisso têm acreditado os fiéis em todos os seculos e manda crê-lo formalmente a Igreja na sua profissão de fé ordenada pelo Concilio Tridentino.

—Porém, dizei: esta desigualdade dos castigos exigida, pela desigualdade das consciencias ao presentarem-se diante de Deus, não poderia existir sem necessidade de admittir o purgatorio?

—Como?

—Suppondo que as penas do inferno sejam mais ou menos leves ou graves, segundo as culpas graves ou leves da alma a quem Deus quer castigar allí. E' assim que salva-se a justiça divina sem necessidade de admittirmos esse enigma ou problema do purgatorio.

—Valha-me Deus! meu amigo. Vou responder-vos satisfactoriamente. Estas penas do purgatorio que vos quereis graduar, segundo as faltas, ou suppoem-se penas eternas ou temporaes. Si são eternas, não podem, por mais ligeiras que ellas sejam, ser castigo de culpas leves, por quanto, um castigo qualquer, embora o mais mínimo, resulta gravissimo deade que seja applicado por toda a eternidade; e embora não houvesse mais nelle do que a eterna privação da gloria, só isso constituiria castigo desproporcionado ás leves faltas e dividas de que se trata. Si suppoese-se que ás faltas leves não lhes será applicadas no inferno penas eternas, sinão penas temporaes, então já temos o purgatorio tal e qual a Igreja nol-o ensina, basta trocar o nome. Tanto é assim, que alguns Santos Padres, chegaram suppôr que o purgatorio seja o mesmo lugar e o mes-

mo fogo do inferno, salvo a eterna duração. Por tanto, admitti o dogma do purgatorio tal e qual vol-o propõe o Catholicismo, e não pretendas emmendar a escripta a Deus.

Pouso-Alegre, 23-10-903.



## O dia dois de Novembro (Dia dos finados)

Para tudo ha dias no anno; dias de banquete e dias da mais rigorosa abstinencia, dias de bodas e dias de pranto, dias de gala e dias de lucto, dias de riso e dias de lagrimas.

Tambem na Religião santa á qual pertencemos, ha um dia dedicado para relembrar a memoria dos finados. A Egreja Catholica, mãe dos vivos e dos defunctos, consagrou um dia de saudades para os que soffrem, como consagra tambem tambem o dia de jubilo e de exultação para os que gozam. E é por isso que depois do alegre repicar de gloria, que enche a alma da mais pura alegria, echoam em nossos ouvidos os sons desgarradores de tristeza, de luto e de pranto.

A Egreja anda sempre de accordo com o modo de ser de nossa existencia. Poderia muito bem divorciar-se este contraste

divorciando e alegre repique da manhã de hontem, com o lugubre toque da tarde, o pulsar de gloria dos santos com o severo e lacrimoso canto dos defunctos; mas não: a vida é isso mesmo; depois do prazer, a dôr; depois da felicidade o padecimento; depois do jardim perfumado das illusões offerece a tumba horrida e obscura dos desenganos.

Mas que fallam esses sinos com seus melancholicos e cruciantes accents? Ah! rememoram-nos o carinho dos nossos paes, os abraços dos nossos irmãos, a fidelidade dos nossos amigos, os favores dos nossos bemfeitores, que nos convidam irmos nas suas tumbas e collocar nellas, sobre o frio marmore, um osculo de paz e uma lagrima de amor e de agradecimento. Invitação justa: não ha coisa mais natural que o filho lembrar-se de seu pae, o irmão de seu irmão e o amigo de seu amigo: não ha coisa mais justa que fazer rasgar naquelle instante o véo do esquecimento e pedir A'quelle, que é a mesma bondade e a mesma misericordia, luz, amor, descanso e paz para os defunctos. *Sancta ergo et salubris est cogitatio pro defunctis exorare ut a peccatis solvantur.*

Ainda mais. Da obscura mansão dos mortos brotam raios de luz clarissima para os vivos: do arido rochedo da morte, rebentam mananciaes inexauriveis de vida: da cidade em que repousam os já fallecidos, nascem inumeros motivos de allivio, consolo, desengano e perseverança. *Qui credit in me etiam si*

*mortuus fuerit vivet.* Quem acreditar em Mim, embora morto, viverá.

Magnificas palavras! Não é possível maior premio para quem acredita, não pode haver no mundo uma consolação mais eficaz, para quem chora. Ficae scientes. Os nossos mortos vivem ainda! Sublime paradoxo!

Morrer!.... Viver!.... Os nossos defunctos vivem, e nos amam, e nos esperam, e nos ouvem, e nos agradecem, e nos fallam.... Sim nos fallam, como fallam os mortos, com a frieza de suas lapidas, com o pó de seus despojos, e com o silencio de suas tumbas.

Eu, dir-vos-á a tumba dum doutor: espantei o mundo com os meus conhecimentos; meu nome rodeado dum nimbo de gloria e celebridade, era invocado com respeito em todas as academias, em todos os livros, em todas as publicas reuniões: ergue este marmore frio e verás em que veio parar toda a minha sciencia: em pó, cinza, podridão, nada. Eu dir-vos-á o soberbo mausoleo de um magnate: morei em palacios sumptuosos, possui jardins amenissimos, banhei meu corpo num oceano de prazeres e de delicias, tive em abundancia joias, caruagens, criados, mas tudo se acabou; ergue esta campa e verás em que pararam todas as minhas riquezas; em pó, cinza, podridão, nada. Eu dir-vos-á o tumulo duma donzenlla bellissima e encantadora: fui causa de muitos odios, rancores, discordias, ciumes e peccados: ergue agora

a loisa que cobre meus restos e verás em que parou minha belleza: em pó, cinza, podridão, nada.

Meu Deus! Como é terrivel a linguagem dos mortos! Meu Deus! Pó e nada o ouro das minhas arcas, o jardim de minhas delicias a felicidade de meus dourados sonhos? Sim: Pó e nada. Pó e nada o fulgurante brilho do meu nome, a sciencia dos meus livros, o verde louro das minhas victorias? Sim: pó e nada. Pó e nada a belleza elegante e entontecedoura do meu corpo? Sim: pó e nada. Horrivel desengano! Logo tudo no mundo é loucura, tudo vaidade, tudo nada.

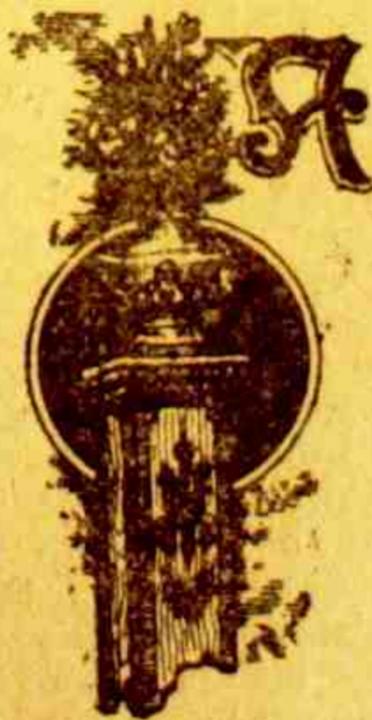
X.

Capital, 30-10-1903.

## A corôa do morto.

(Aos meninos)

I



's longas demoras nos bancos da escola, preferia o pequeno Edmundo as excursões atravez dos pinheiros, onde no tempo proprio, fazia abundantes colheitas de cogumellos, as horas de vigia junto á lagôa da aldeia, onde tão bonitos pintasilgos vinham cahir na esparrélla.

Gostava de correr pelas dunas para ahi, colher segundo a epoca, feixes de espargos selvagens ou botões de perpetuas. Outras vezes percorria os ro-

chedos, entre as mattas polvilhadas de alfazema, cujos deliciosos perfumes se confundiam com as emanações salinas do Oceano.

Uma de suas maiores alegrias era ainda embarcar-se com os pescadores da aldeia que o conduziam de boa vontade, pela manhã; gostavam do rapazito por causa de sua physionomia risonha, pela sua vivacidade, e principalmente pelo seu amor ao mar. «Este, diziam elles entre si, dará um dia um rude marinheiro. Embora pequeno, não tem medo do grande *Ladrão.*»

Essas fugidas, que não agradavam aos paes, faziam-n'o recear um pouco ao voltar ao lar. Vinha de cabeça baixa, passando sorratamente pela porta entreaberta, e fazia-se pequenino sob o olhar severo do pae, humilde tamanqueiro que se matava de trabalho. A um gesto, refugiava-se no sotão que lhe servia de morada e, sem dizer palavra, deitava-se e fingia dormir, esperando sua mãe que á noite, lhe subia ás occultas a ceia de que o haviam privado e o beijo maternal de perdão.

Cedendo então ao impulso de seu coração, que era bom, Edmundo passava os braços em volta do pescoço da pobre mulher (demasiado fraca como o são algumas dellas) e promettia proceder bem e ir á escola.

Essas bellas promessas, muito sinceras, duravam algum tempo; mas em breve chegava um dia em que o céu se mostrava puro e o Sol radiante, em que os passaros cantavam em liberdade e o mar se tornava attractante. As boas resoluções do rapaz se desvaneciam.

Por uma tarde de Abril, ao voltar á casa, sem muita apprehensão, tendo feito coincidir a sua vinda com a sahida da escola, deteve-se estupefacto. Seu pae, Mario Robillard, jazia estendido sobre o leito. De joelhos á sua cabeceira, rezava e chorava a mãe.

O moribundo reconheceu os passos de seu filho, abriu os olhos já pesados pelo grande somno e, com voz expirante, chamou o menino.

O pequeno Edmundo aproximou-se rapidamente, mas surprehendido

que assustado do que via pela primeira vez. A sua imaginação de criança não comprehendia a morte.

—Meu querido filho, disse Mario, collocando sobre a cabeça desgrenhada do menino, os seus dedos callejados de trabalhador, já tintos pela agonia, meu querido filho, vou morrer. Não quero ralhar contigo nesta hora suprema; mas, ainda hoje faltaste á classe, sei-o porque te mandei procurar por Popineau. Não estavas com os bons Monges quando o Sr. Cura ahi passou para me trazer o socorro da Religião: podia ter morrido sem te ver, nem sem te abençoar!

O moribundo foi interrompido por um medonho estertor. O pequeno Edmundo chorava amargamente. Não comprehendia bem o que era morrer. Sabia, comtudo, que levariam seu pae para a igreja, depois para o cemiterio, que nunca mais o veria; que ficaria privado para sempre de seus beijos e affagos, como das suas justas censuras. E uma commoção viva lhe apertava a alma, o invadia inteiramente como a approximação de um mysterio profundo e terrivel: o moribundo que voltara um pouco em si, continuou:

—Vaés ficar só com tua mãe, cuja saude é vacillante: temos vivido muito pobres. Depois de minha morte o serás ainda mais, receio-o si Deus não vos axiliar. Ouve me, Edmundo, se queres que vá menos triste para o Céu promette-me nunca mais fazer chorar tua mãe.

—Oh querido pae, eu t'o juro! Soluçou a criança, levantando-se. E a sua fronte, inclinando-se sob a mão agonizante que o abençoava pela ultima vez, veio apoiar-se sobre os labios do moribundo, e recebeu o seu ultimo suspiro, num beijo de amor e de perdão.

A' hora do funeral restavam algumas moedas em casa. O enterro foi modesto. Todavia o Sr. Cura, que amava os pobres, quiz dizer elle proprio a Santa Missa, deante do corpo daquelle que os ultimos Sacramentos haviam sanctificado, uma vez ainda, á hora da morte.

A mãe seguiu o caixão, tendo nas suas mãos a mão de Edmundo. Parentes e amigos os acompanharam até ao peço-

no numero. Os pobres, ai delles! poucos amigos têm neste mundo. O menino já não chorava, mas a sua physionomia adquirira um ar de gravidade e de força. Parecia que Deus lhe havia fallado durante o Santo Sacrificio, e mudára o curso de suas ideas.

Depois da benção da cova e dos ultimas preces liturgicas, foi descido o caixão. A agua benta escorre, como lagrimas, sobre o pinho grosseiro ao som das palavras:

*Que elle descanse em paz.*

Em seguida ouve-se um ruído sor-do; as pás de terra rolam sobre as taboas e cobrem os restos de Mario Robillard. Todos se retiraram para ir rezar sobre as tumbas de seus finados.

Sós a viuva e o filho, olham para o coveiro que enche a cova. Cada pá de terra cahe pesadamente sobre o coração da pobre mulher.

Com tudo ahi ficam, fazendo passar entre sus dedos as negras contas do rosario.

Finalmente o coveiro terminou: colloca uma cruz na terra, uma cruz composta de dois ramos de cypreste. Enxuga a fronte com o reverso da manga, apanha os utensilios e vai-se discretamente, lançando um olhar de commiserção para essa mulher e essa infeliz criança. Os seus tamancos rangem nas pedras do passeio que conduz á porta da sahida, e abafa-se esse ruído na relva do caminho que elle tomou para voltar á casa. Os parentes e amigos partiram ha muito. Estão pertanto, sós, bem sós, o orphão e a mãe.

Esta, olha então com desespero para a terra amontoada sobre o cadaver de Mario, para a cruz de verdura, e exclamou tristemente: Nem uma pobre corôa!

Edmundo ouviu as palavras de sua mãe; mas não respondeu.

## II

O monge Martinho, antigo mestre da classe de Edmundo Robillard, ficou certo dia surprehendido pela assuidade e applicação do orphão. Não quis porém hereditaria de seu pai a herança de mais nada e de mais

estudioso de seus alumnos. O abalo terrivel que soffrera essa infeliz familia, explicou-lhe o bom comportamento e a applicação dos primeiros dias. Mas estava convencido, de que, ao chegar o bom tempo, os ninhos, os passeios nas dunas ou nos rochedos, as excursões maritimas, em companhia dos pescadores de sardinhas e de lagostas, bem depressa reconquistariam a criança para o seu gazeio. Assim não succedeu.

Edmundo disse seriamente adens a essa vida vagabunda que tantas vezes dessolara Mario, e á qual jurara renunciar para não mais fazer chorar sua mãe. Edmundo tinha tambem outra idéa que não communicava a ninguem. Essa idea, unida á promessa feita a seu pae, dava-lhe um ardor incrivel. Não perdia mais classe nenhuma; trabalhava com perseverança nos estudos e readquiria pouco a pouco o tempo perdido.

No fim de Junho, era o primeiro da classe. O bom monge sentiu-se feliz porque se interessava por essa viuva desventurada, que elle muitas vezes lastimara de ter como filho semelhante garoto.

Ahora tudo ia ás mil maravilhas, quanto ao menino, que ao amor pelo estudo, alliava a uncção na prece e a constancia em orar todos os dias pelo seu pae defuncto.

Chegou o dia da distribuição dos premios. Edmundo pediu á sua mãe que o acompanhasse á eschola para tomar parte nessa festa, que prometia ser boa e que devia presidir um valente marinheiro, cujo nomo se immortalisou mais tarde, o almirante Coubert, então capitão de fragata e commandante da eschola de torpedos de Bazardville.

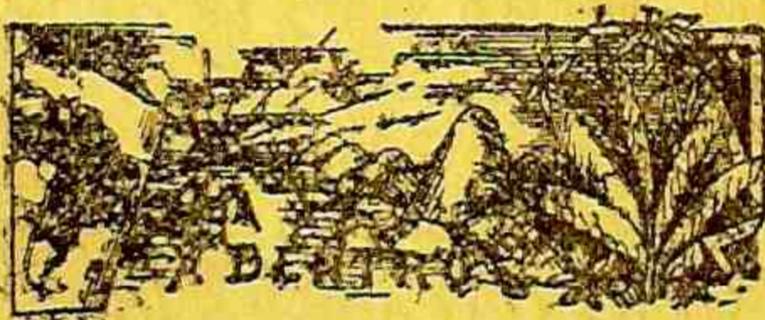
A principio a mãe recusou, por não querer appresentar em publico o seu lucto. Mas seu filho com tanta instancia lhe pediu, que acabou por consentir.

Mas para que? dizia ella. Elle com certeza nada recebe. Perdeu mais da metade do anno.

(Continua)

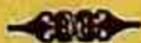
## Indicador christão.

2. 2.<sup>a</sup> FEIRA. A *Commemoração de todos os defunctos.*
3. 3.<sup>a</sup> FEIRA. Sta. Silveria, mãe de S. Gregorio Papa.
4. 4.<sup>a</sup> FEIRA. S. Carlos Borromeu Cardeal de Milão, celebre pela sua santidade e milagres.
5. 5.<sup>a</sup> FEIRA. S. Zacharias, sacerdote e propheta da antiga lei, pae de S. João Baptista.
6. 6.<sup>a</sup> FEIRA. S. Loonardo confessor. Hoje é primeira sexta-feira do mez.
7. SAB. S. Florencio Bispo.  
500 dias de ind., assistindo á Missa das 7 horas no Coração de Maria.
8. DOM. XXIII post. Pent. S. Godefrido, bispo de Amiens, varão santissimo.



### ARCHICONFRARIA. DO IMM. CORAÇÃO DE MARIA.

**Reunião mensal.**— Por ter o presente mez cinco domingos a reunião das Exmas. Snras. Directoras terá logar no terceiro domingo, 15 do corrente, e a dos Snrs. Directores no quarto domingo, dia 22.



**Funções religiosas.**— Hoje depois do sermão da função reli-

giosa da tarde, neste Sanctuario, em vez da benção cantar-se-á um solemne *Libera-me* em suffragio das almas de todos os defunctos. Segunda-feira dia de finados começarão a celebrar-se as missas ás cinco horas da manhã havendo missa de *Requiem* ás oito horas e meia.

De tarde, durante nove dias consecutivos depois da reza do santo terço, ás seis horas e meia, cantar-se-á solemnemente o *Libera-me* pelos defunctos.



### S. Excia. o Snr. Nuncio.—

Pelo rapido do dia 6 deste mez, deve chegar a esta Capital o Exmo. e Rvmo. Sr. D. Julio Tonti, Arcebispo de Ancyra e Nuncio Apostolico no Brasil. Como já sabem os nossos leitores o fim principal desta visita é a ordenação dum consideravel grupo de alumnos do Seminario Diocesano.

A *Ave Maria* desde já beija genuflexa o annel de Sua Excia., e deseja-lhe as mais sinceras *bôas vindas*,

## Fagundes & Comp.

Communicam aos seus freguezes tanto da Capital como do interior, que se mudaram provisoriamente da Rua de S. Bento 10-A, para a Travessa da Sé N. 6.

COM PERMISSÃO DA AUCTORIDADE  
ECCLESIASTICA.

Typ. S. José.